

— É sobretudo quando venho aqui que me lamento não ter filhos — murmurou.

— Mas o bosque é mais velho que sua família, tornou docemente Constance.

— Sim, mas nós o temos conservado. Sem nós teria desaparecido, como o resto da floresta. É preciso manter um pouco da velha Inglaterra.

— Precisa, por quê? — replicou Constance. — Conservá-la mesmo contra a nova Inglaterra?

— Se não conservarmos um pouco da velha Inglaterra, não haverá mais Inglaterra alguma, observou Clifford. E nós, possuidores e amigos destas terras, temos o dever de defendê-las.

Houve uma pausa de melancólico silêncio.

— Sim, por algum tempo — disse Constance.

— Por algum tempo, é verdade! Tudo quanto poderemos fazer limita-se a isso. Devemos apenas a nossa contribuição. Cada homem de minha família deu a sua, desde que nos tornamos donos da propriedade. Podemos combater as convenções, mas é preciso manter a tradição.

Novo silêncio.

— Que tradição?

— A tradição da Inglaterra, de tudo isto!

— Sim — disse ela lentamente.

— Daí a necessidade de filhos. Somos elos duma cadeia.

Constance não gostava de cadeias, mas nada objetou. Achava aquele desejo de filhos curiosamente impessoal.

— Pois muito lamento que não possamos tê-los, disse-lhe.

Clifford fitou nela os seus claros olhos azuis.

Constance olhou-o.

— Seria quase desejável que você tivesse um filho de outro homem, volveu ele. Se o criássemos em Wragby, esse filho nos pertenceria, a nós e à terra. Não dou grande importância à paternidade. Se criássemos a criança, ela seria nossa — e nos continuaria. Seria isso irrealizável?

Um filho não era senão uma coisa para ele.

— Mas... e o outro homem?

— Terá importância? Você já teve na Alemanha um amante. Que resta dele agora? Nada. Estes pequenos atos, estas pequenas ligações que ocorrem na vida, não me parecem coisa de importância. Passam. "Onde estão as neves de antanho?" Só o que através da vida perdura, tem importância. Minha própria vida; é a vida comum, de todos os dias, e não o leito em comum desenvolvimento. Mas que significam ligações de momento, sobretudo as sexuais? Se ridícula-mente não as exagerássemos, ficariam naturais como o simples acasalamento dos pássaros. Que importância têm? O que importa, é a longa união durante toda uma vida; é a vida em comum, de todos os dias, e não o leito em comum de algumas noites. Haja o que houver, você e eu somos casados. Temos o hábito um do outro. E o hábito, a meu ver, é de uma importância mais vital do que qualquer excitação passageira. A coisa longa, lenta, durável, eis o que faz a nossa vida — e não ocasionais espasmos. Pouco a pouco, à força de viver juntos, dois seres chegam a uma espécie de união, de tal modo as sensações se misturam. É este o verdadeiro segredo do casamento, e não o ato físico — a simples função sexual. Você e eu estamos reunidos pelo casamento. Se mantivermos o essencial, parece que podemos encontrar um meio de resolver a questão do sexo: não será mais difícil do que ir ao dentista, já que o destino fisicamente nos deu xeque-mate.

Constance ouvia-o num misto de estupor e medo, e não saberia dizer se ele tinha razão ou não. Amava Michaelis — pelo menos supunha isso. Mas esse amor não passava dumas breves fugas do seu casamento com Clifford — aquele longo hábito de intimidade formada em anos de sofrimento e paciência. Talvez a alma humana tenha necessidade dessas fugidas e não lhe devemos recusar isso. Mas quem diz fugida, ou excursão, diz regresso.

— E o homem de quem terei um filho?... perguntou Constance.

— Terei confiança em seu bom gosto. Você seria incapaz de entregar-se a um homem indigno.

Ela pensou em Michaelis! Era o tipo exato do que Clifford chamava homem indigno.